

SERVIÇO ESPECIAL

O trampo era firme, mas não era fácil. Matar é um hábito. Você se acostuma com isso. Homens. Mulheres. Crianças. Não faço distinção. Sou um sujeito decente. Mato branco, negro, pobre, rico. Serviço limpo. Satisfação garantida.

O problema é o formigamento. Dura uns dez segundos, mas dez segundos são uma eternidade se você cai no meio de uma zona de guerra. O termo correto é síndrome do translocamento temporal, mas, para mim, é o diacho de um formigamento! Dedos trêmulos, visão turva, desorientação... Dez segundos. Dez longos e malditos segundos até que os átomos liberem o lastro de energia necessária para ultrapassar o fluxo do tempo até a época indicada. Para o Empregador, não era nada.

Obviamente, o babaca nunca esteve do lado errado de uma Colt .45.

Matar se tornou um negócio muito mais lucrativo quando você tem todo o tempo do mundo à sua disposição. Descontente com a concorrência feroz? Um acidente de carro vinte anos atrás e os seus problemas estão resolvidos. Sua mulher arranhou um amante? Acabe com o canalha antes que ele alcance a puberdade. Ou a sua mulher. Ou ambos. Preço especial de ocasião para eliminações múltiplas na mesma linha temporal. Um presidente? Ora, por que não? Um rei? Maravilha! Tudo é possível.

Pelo preço correto, é claro. Pagamento adiantado. E não matava a fiado.

Recebi o novo serviço pelo canal de costume. Mas era um envelope pardo. Suspirei fundo. *Serviço especial*. Entrada privativa. Sem apoio. Sem perguntas. Pagamento dobrado. Acessei minha conta pelo celular, mas já sabia o que esperar. Boa parte das economias tinha sido gasta naquele Corvette 1977. Fora uma extravagância, sabia, mas, diabos! Ninguém vive para sempre, não é?

Em pouco tempo, os trezentos e cinquenta cavalos do motor envenenado zuniam baixo pela autoestrada até alcançar a entrada das Indústrias Zankor. Uma empresa de fachada, é claro, e que, ironicamente, recebeu o nome do inventor da tecnologia de translocação. O cientista desaparecera há uns bons dez anos, antes que pudesse anunciar o seu maior feito. O Empregador o sequestrara e, considerando as constantes melhorias que eram realizadas no equipamento, era

muito provável que Zankor ainda estivesse em seu poder, encarcerado em algum lugar.

Não importava. Não era da minha conta. Só gostaria que o formigamento cessasse. Isso, sim, seria um avanço.

Deixei para trás o saguão imaculadamente limpo da companhia e, com o cartão de acesso, desci até o subsolo. Do armário, retirei duas pistolas e uma longa faca. Nunca precisei usar a lâmina, mas me sentia melhor com a arma branca na cintura.

Depois, peguei a célula salva-vidas. Lembrava um relógio digital barato e emitia um isótopo radioativo de alta frequência. Era a minha passagem de volta para casa. Uma pequena pressão nos dois botões e os átomos iniciavam a alucinada viagem até o presente.

Ou este *não* seria o presente? O quanto do passado alterado poderia modificar o *meu* presente? Não sabia. Depois de tantas idas e vindas, eu não tinha muita certeza. Quando a pergunta me assustava no meio da noite, afogava-a em uma garrafa de uísque. Ou tequila.

Eu estava sozinho na câmara privativa. Com cuidado, digitei as coordenadas no computador. Depois, inseri a data. Quase duas décadas atrás. O alvo: um rapaz bem-apessoado, de porte atlético e olhar astuto. Não havia um nome no envelope, mas isso não era incomum. Com as coordenadas corretas, não era necessário um nome. Só precisava chegar, encontrar o alvo e fazer o serviço.

Rápido e limpo.

Verifiquei o equipamento e as coordenadas mais duas vezes. Sem problemas. Tomei uma garrafa de água de um litro quase sem parar. A hidratação diminuía os sintomas do translocamento. Iniciei a sequência e caminhei até o centro da arena.

Os raios iônicos me atingiram com a força de uma tempestade de areia. Fechei os olhos e esperei.

Quando minha consciência retornou, vi-me contando, no automático.

Um. Dois.

Senti os pés.

Três. Quatro. Cinco.

Soltei a respiração. Os braços pesavam toneladas, mas mantive a arma segura em meus dedos.

Seis. Sete.

Ousei abrir os olhos. Mesmo com a visão nublada, percebi que estava em um quarto. Havia uma cama, um armário, pôsteres de mulheres posando em biquínis.

Oito. Nove.

Onde estava ele? Ouvi um som. Estava atrás de mim.

Dez.

Saltei no exato momento em que o pulha me atacou com um taco de beisebol. Escapei da pancada rolando por cima da cama. Quando me levantei, a arma fez o seu trabalho.

Um tiro. Dois tiros. Dois pontos fumegantes no peito do rapaz, que foi lançado de encontro à porta aberta, estatelando-se no chão.

Levantei-me, irritado. Fazia tempo que não era surpreendido. O rapaz gorgolejava, afogando-se no próprio sangue. Engatilhei a arma mais uma vez. Um último disparo e seria o fim.

Era um garotão bonito. Uns vinte e poucos anos. Sem problemas. Já matei gente melhor. E gente pior, também. Encostei a arma na sua cabeça, mas minha visão periférica foi capturada por algo. O crachá do rapaz escorregara para o chão, encoberto de sangue. Estagiário, dizia a plaquinha de plástico. E um nome.

Peter Zankor.

— Filho da...

Os átomos do assassino se dispersaram no exato momento em que o rapaz soltou o último suspiro. Na época, houve uma investigação, mas ninguém foi preso. Nada foi roubado. Não havia suspeitos.

“Quem seria o mandante?”, perguntaram-se os colegas, lastimando a morte do amigo.